

REVISÃO: PERCURSOS LINGÜÍSTICOS

META

Reapresentar os principais aspectos temáticos da Lingüística.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
revisar aspectos temáticos da Lingüística.

PRÉ-REQUISITOS

Todas as aulas.



Pinturas Rupestres del Levante III (Fonte: <http://www.museocruzherrera.com>).

INTRODUÇÃO

Caro aluno, chegamos a nossa última aula, e para encerrar mos nossa disciplina voltaremos no túnel do tempo. Quando começamos nosso curso de Lingüística? Como você se sente agora? A disciplina lhe ajudou?

Você entrou em contato com a Lingüística, primeira disciplina de uma série de disciplinas, como Sociolingüística, Lingüística Aplicada, Análise do Discurso etc.

Acompanhamos que a Lingüística, estudo científico da linguagem humana, assumiu, em pouco tempo, um lugar de destaque no conjunto das ciências que estudamos. Isso aconteceu graças ao grau de cientificidade alcançado quando ela se transformou em modelo de várias áreas do saber sistematizado. Isso, é claro, foi também em conseqüência do trabalho de lingüistas altamente criativos, como Saussure, Bloomfield, Chomsky, Martinet, Jakobson Bakhtin (embora não seja de fato apropriado indicar este último como linguista); temos muitos outros aqui no Brasil, para citar alguns: Diana Barros, Rajan, Helena Brandão, Sírio Possenti, Ingedore Koch, Marcuschi, e aqui em Sergipe você terá oportunidades de conhecer alguns quando fizer disciplinas com eles.



Bakhtin



Bally



Chomsky



Hjelmslev



Jakobson



Saussure



Possenti



Rajagopalan

A CIÊNCIA LINGÜÍSTICA

Atualmente a Lingüística é reconhecida como ciência, po-rém antes da contribuição de Saussure, o objeto da Lin-güística não havia sido determinado ainda. Para que tal fato acontecesse, seria necessário que essa ‘Ciência’ passasse por três fases: Gramática, Filologia e Gramática comparada. Só após essas três fases, é que a Lingüística recebe o status de Ciência, definindo a LÍNGUA como seu objeto.

Os princípios metodológicos que dariam conta dessa nova ciência são: estudar os fatos da língua escrita e priorizar os estudos sincrônicos desses fatos.

A Lingüística é uma ciência porque tem um objeto de investigação. Essa ciência é empírica visto que sua matéria de estudo, tanto falada quanto escrita, é observável pelos sentidos e é uma ciência social porque os fenômenos que formam seu campo de estudo são parte do comportamento dos seres humanos, e o ser humano é um ser social.

Os objetivos da Lingüística foram traçados pelo próprio Saussure:

- “- Fazer a descrição e história de todas as línguas (...) fazer a história das famílias das línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- Procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais as quais possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- Delimitar-se a si mesma” (Saussure, 2000, p. 13).

TERMOS – CHAVE DA CIÊNCIA LINGÜÍSTICA

LINGUAGEM

A linguagem é essencialmente uma capacidade inerente aos seres humanos. Por meio dela, eles travam relacionamento consciente com seus semelhantes. Para Saussure (1997), a linguagem vem a ser uma moeda, apresentando as duas faces interdependentes: o lado social (língua) e o lado individual (fala). É uma faculdade comum a todos os homens. É “heteróclita e multifacetada”, tendo em vista abarcar vários domínios, envolve aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos. Entre as características da linguagem, destaca-se sua dupla articulação - consiste em uma organização da linguagem humana em que todo enunciado se articula em dois planos: plano das unidades significativas (1ª articulação: morfemas); plano das unidades distintivas ou fonológicas (2ª articulação: fonemas).

LÍNGUA

Os membros de uma comunidade lingüística aceitam um conjunto de símbolos vocais arbitrários para serem utilizados em sua comunicação interna, é o que conhecemos como língua. Como sistema de linguagem, a língua se constitui de sons vocais específicos (fonemas), com os quais se constroem as formas lingüísticas.

FALA

“Fala” é o uso que cada pessoa faz da língua. Por ser individual, a fala torna-se múltipla, imprevisível e irreduzível a uma pauta sistemática. Os atos lingüísticos do indivíduo, por serem ilimitados, não formam um sistema (ponto de vista de Saussure, pois a Sociolingüística trabalha com esse aspecto heterogêneo).

“A distinção que se faz entre linguagem, língua e fala tem caráter meramente metodológico, uma vez que esses três conceitos revelam aspectos diferentes de um processo amplo, que é o da comunicação humana. Isso, provavelmente, explique a razão por que a maioria das pessoas emprega essas três palavras para designar uma mesma realidade” (Terra, 1997, p.12).

SINCRONIA E DIACRONIA

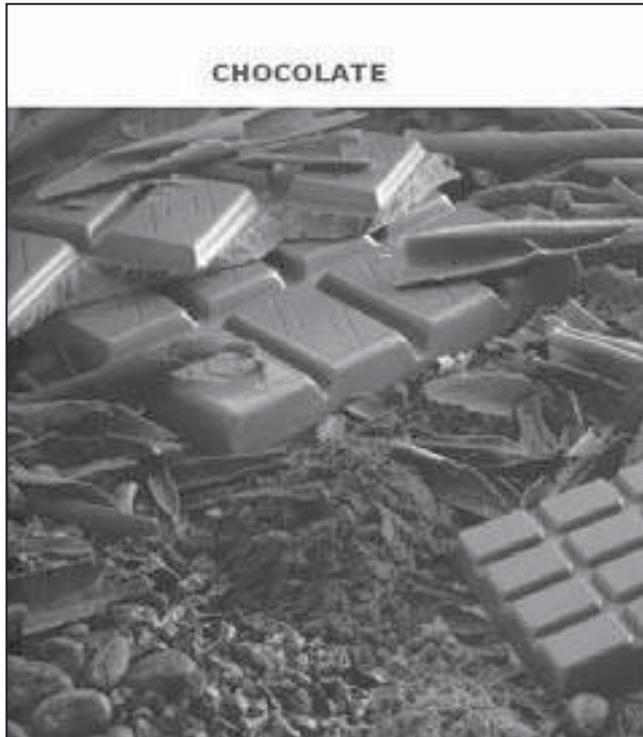
A diacronia tem a ver com os estudos que acompanham transformações por quais passam as línguas. Nos estudos sincrônicos, as línguas são analisadas sob a forma que se encontram num determinado ponto histórico, num momento do tempo.

RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS E PARADIGMÁTICAS

Os signos que compõem o sistema de qualquer língua podem formar dois tipos fundamentais de relações: relações sintagmáticas e relações paradigmáticas. A primeira é uma relação que se estabelece no encadeamento linear das unidades, não havendo possibilidade de pronunciar tais unidades ao mesmo tempo. O segundo tipo de relação tem por base um complexo mundo de associações. As relações se estabelecem fora do encadeamento linear, em ausência.

SIGNIFICADO E SIGNIFICANTE: SIGNO LINGÜÍSTICO

“O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (Saussure, 1997, p. 80).



Chocolates (Fonte: <http://populo.weblog.com.pt>).

$$\frac{\text{CONCEITO}}{\text{IMAGEM ACÚSTICA}} = \frac{\text{SIGNIFICADO}}{\text{SIGNIFICANTE}} = \text{SIGNO LINGÜÍSTICO}$$

As duas partes do signo lingüístico são definidas da seguinte forma: significado é a imagem (psíquica) que temos armazenada na memória sobre o mundo real ou cultural é o conteúdo semântico; significante é a imagem acústica que veicula o significado, é a expressão fônica.

COMPETÊNCIA E DESEMPENHO

Na nomenclatura chomskyana, competência é definida como o sistema de regras que é interiorizado pelos falantes; vindo a se constituir o seu saber lingüístico. É graças a esse saber lingüístico que o indivíduo é capaz de emitir ou de compreender um infinito número de frases inéditas. “É um conjunto de regras que o falante construiu em sua mente pela aplicação de

sua capacidade inata para a aquisição da linguagem” (Peter, 2004, p. 15).

Quando o falante se utiliza da competência nos seus variados atos de fala, atendendo as diversas situações comunicativas; dizemos que esta manifestação é seu desempenho, performance ou atuação.

NORMA

Este termo foi introduzido por Eugênio Coseriu (1980), um funcionalista da linguagem. Ele considera a norma um elemento intermediário entre língua e fala, e ainda como um conjunto de realizações lingüísticas constantes e repetidas e tendo um caráter social. Assim, norma é tudo que é comum e corrente numa comunidade de fala.

Segundo a gramática normativa, norma (cult) vem a ser um conjunto de regras que são impostas à comunidade lingüística. Essas regras impõem um padrão do bem falar/escrever. Determinam-se os conceitos de “certo” e “errado” no uso da língua. Já para a sociolingüística, nós teríamos tantas normas quanto os diferentes falares ou variedades de uma língua.

DIALETO, SUBDIALETOS, IDIOLETO E OUTROS LETOS

As estruturas de uma língua não apareceram por acaso, elas são condicionadas histórica e geograficamente e estão inseridas em um contexto social.

Desse modo, pode-se investigar a realidade lingüística, considerando a língua como estrutura ou como instituição. Se a estudarmos como estrutura ou sistema, deveremos nos orientar pelas propostas do estruturalismo, se a estudarmos como instituição, seguiremos as orientações da Sociolingüística. Segundo essa última orientação, deveremos estudar a língua através de seus dialetos.

No dizer de Monteiro (2000, p. 46): “Costuma-se dizer que o dialeto é uma variedade subordinada a uma dada língua, que assim seria entendida como a soma de vários dialetos. Em geral, entende-se que um dialeto se circunscreve a uma



Mapa Político do Brasil (Fonte: <http://midia.brasilviagem.com>).

zona ou região territorial, que frequentemente coincide com as fronteiras ou barreiras geográficas”.

Cada dialeto pode se dividir em subdialeto, já que os dialetos não oferecem uma unidade absoluta em todo território por onde se estendem. Desse modo, os subdialeto irão apresentar traços lingüísticos secundários entre zonas desse território.

O idioleto é definido como o conjunto de enunciados realizados por uma só pessoa; por isso é considerado a menor limitação de um dialeto.

Há, dentro desta área, outros termos como – o socioleto, o tecnoleto, o biodialeto, o interleto.

O socioleto - também chamado dialeto social, corresponde ao uso lingüístico próprio de uma classe social.

O tecnoleto - é uma variedade lingüística própria de um domínio profissional, exemplos: o economês, o pedagogês.

O biodialeto - refere-se ao uso lingüístico influenciado pelas fases da vida (criança, adolescente, idoso).

O interleto – falar desenvolvido por falantes que moram em zona fronteira entre duas línguas.

FRASE, TEXTO E CONTEXTO

Durante muito tempo, a frase era vista como “uma reunião de vocábulos com sentido completo” (visão da gramática tradicional). Contudo, modernamente, a gramática prefere dizer o que constitui as frases e não, simplesmente, defini-la. Por essa visão, uma frase vem a ser um enunciado cujos constituintes assumem uma função. De acordo com a gramática gerativa, a frase se define como um conjunto hierarquizado de constituintes: os de ordem superior e os de ordem inferior. Cada constituinte de ordem inferior faz parte de um constituinte de ordem superior.

O texto não tem existência fora de sua produção e de sua recepção (Fávero, Koch, 1998, p.22). “O texto se acha em permanente elaboração e reelaboração ao longo de sua história e ao longo das diversas recepções pelos diversos leitores.” (Marcuschi, 1996, p. 9), ou “... consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão”. (Fávero e Koch, 1998, p. 25).



Propaganda do perfume Chanel numero 5 (Fonte: <http://adaphnee.files.wordpress.com>).

O contexto é o ambiente, lingüístico ou extralingüístico, em que se encontra o texto ou qualquer um dos seus constituintes. Por ambiente ou contexto extralingüístico, compreendem-se tudo aquilo que forma um conjunto de circunstâncias do mundo extraverbal que influênciam na compreensão do texto (mundo verbal), na atualidade, prefere-se o uso de co-texto em substituição ao contexto lingüístico.

RESUMO HISTÓRICO

GRÉCIA OS GRAMÁTICOS

Dionísio da Trácia foi o primeiro autor a elaborar um tratado gramatical da língua grega. Contribuiu com idéias sobre conjugação, declinação, vozes, tempos verbais, partes do discurso (oito partes), etc. Sua gramática apresentava seis partes: leitura e pronúncia correta; explicação de textos; etimologia; explicação de palavras e coisas; paradigmas de flexão e analogias; e crítica.

Apolônio Díscolo (séc II). Sua principal contribuição foi com relação à sintaxe, dedicando especial atenção às relações de concordância.

Herodiano, filho de Apolônio. Sua contribuição diz respeito à acentuação e pontuação do grego.

Você acompanhou que a contribuição dos gregos foi muito forte para o nosso modelo de gramática normativa. A divisão em classes de palavras teve sua origem com os gregos, e nós seguimos este mesmo paradigma quando trabalhamos com análise morfológica.

ROMA

O modelo gramatical normativo como conhecemos hoje tem herança na Grécia e foi também grandemente influenciada por Roma, assim, agora o modelo se chama greco-romano. Entre os romanos, a abordagem filosófica dos gregos deu margem a uma gramática normativa mais estrita. Os problemas filosóficos da linguagem levantados pelos gregos foram seguidos pelos estudiosos romanos. O objetivo principal da gramática latina é o “Estudo do Certo e Errado”, ela também vinha tentando incessantemente manter o latim clássico em face da fala plebéia e da fala provinciana das populações heterogêneas, assim como os estóicos fizeram com a língua grega.

Varrão é o primeiro gramático latino importante de que se tem notícias. Escreveu a obra *De Língua latina*, contendo vinte e cinco volumes. Sua principal característica está situada na controvérsia analogia (lembra que os analogistas defendiam a forma regular da linguagem) e anomalia (irregulari-

dade da linguagem). Ele tenta conciliar essa controvérsia, afirmando que a língua é regular mais exprime algumas irregularidades.

Quintiliano. Era professor de retórica, crítico e advogado. Na sua obra *Instituto Oratoria* expõe temas educacionais. Para ele os casos latinos representavam significados e tinham como objetivo as funções sintáticas distintas, assim como usamos a sintaxe para estruturar uma oração.

Donato escreveu sua gramática sob o título de *Arte Menor*, permaneceu, por duzentos anos, o modelo mais autorizado de gramática expositiva. O que podemos destacar do trabalho desse gramático: descrição minuciosa das letras – tornando-se um verdadeiro tratado de fonética; enumeração dos erros correntes que encontrava em seus alunos; listagem dos traços estilísticos dos autores clássicos.

Gramático latino de Constantinopla, tem como principal obra, *Institutiones Grammaticae* - a mais representativa da erudição Latina. Seu objetivo era transferir da melhor maneira possível para o latim o sistema gramatical desenvolvido Dionísio. Contribuiu com vários ramos da gramática.

IDADE MÉDIA E RENASCIMENTO

Durante o período da Idade Média, o clero irlandês desempenhou papel importante na alfabetização. Neste período, os estudos da gramática latina eram através das obras de Donato, Prisciano. A controvérsia naturalista x convencionalista continua, só que com os nomes: realista x nominalista. Inicia-se, nesse período, a fase da gramática modista. Os modistas procuravam identificar os universais lingüísticos. Dante Alighiere pesquisou o conceito de dialeto (registrou quatorze formas de dialeto na Península Itálica).

O Renascimento é considerado como o marco inicial da história moderna. Embora o latim tenha sofrido alguns abalos na Idade Média, permanece ainda no papel de língua universal ao lado de um crescente interesse pelos idiomas modernos.

Devido as polémicas religiosas, torna-se necessário o conhecimento do hebraico, língua na qual foi escrita a maior parte dos livros do Antigo Testamento.

Os estudos lingüísticos dos árabes receberam influência de duas escolas com posicionamentos diferentes: Basra – ênfase no caráter regular da linguagem; Kufã - a linguagem considerada do ponto de vista de sua diversidade.

Os chineses se preocuparam com a lexicografia e a fonologia.



Escritor medieval (Fonte: <http://www.mundilink.com>).

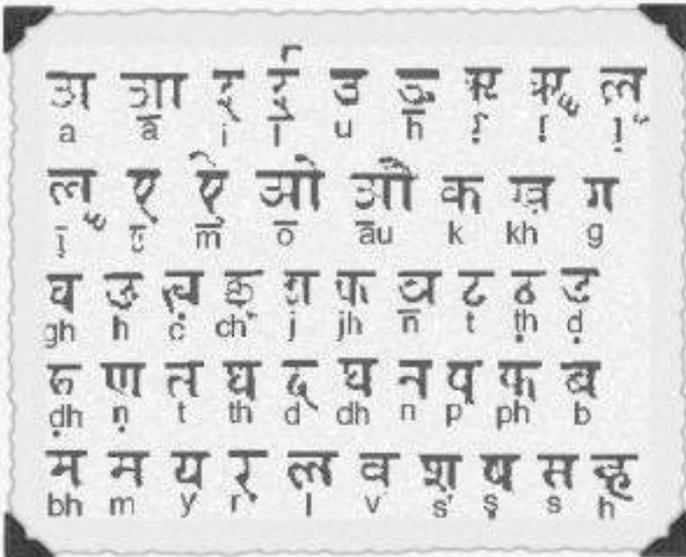
Os sábios de Port Royal empreenderam grandes esforços para criar uma gramática geral (universalismo).

E por fim, você acompanhou que a primeira gramática da Língua Portuguesa surgiu em 1536 e é da autoria de Fernão de Oliveira. Em 1595, o padre José de Anchieta, dedicado aos estudos das línguas indígenas, publica a Arte da Gramática da língua mais Usada na Costa do Brasil.

A PARTIR DA DESCOBERTA DO SÂNSCRITO

O ano de 1786 é denominado o marco inicial da ciência lingüística contemporânea. Willian Jones (exercia a função de juiz em Calcutá durante o domínio inglês) apresentou uma comunicação à Sociedade Asiática de Bengala sobre a semelhança visível entre o sânscrito, o latim e o grego. A descoberta do sânscrito e da cultura da Índia foi o ponto de partida para a orientação comparativa no estudo das línguas (Gramática Comparada). A partir dessa língua, pode-se determinar o parentesco entre as línguas, isto é, as línguas européias seriam a própria transformação natural da antiga 'língua-mãe, língua primitiva protolíngua ou indo-europeu'. O sânscrito representaria um estágio bem próximo de tal modelo. A Gramática Comparada tem como objetivo apresentar a classificação das línguas por troncos e família a fim de proceder a reconstrução do estado ideal da língua. Ressalte-se que a identificação desse estado ideal, na verdade, era hitpótica.

Identificou-se o ano de 1878 como sendo o início do segundo período da história moderna da lingüística. Foi nesse ano que aconteceu a publicação



Inscrição sânscrita (Fonte: <http://usuarios.lycos.es>).

do primeiro número da revista “investigação morfológica”, fundada por Hermann Osthoff e Karl Brugmann. Nesse primeiro número, eles foram responsáveis pelo prefácio que é tido como o manifesto neogramático. Para os neogramáticos havia dois campos de estudo que consideravam de maior importância para a lingüística histórica: a fonética - com grande ênfase ao estudo das línguas vivas, assinalaram ser a escrita incapaz de fornecer dados adequados sobre a pronúncia real das línguas mortas, e a dialetologia- os di-

aletos constituíam importante campo de investigação científica por causa da luz que poderiam lançar sobre o estudo da mudança lingüística, já que representavam o último estágio na diversificação da família indo-européia.

Depois dos estudos comparativos e históricos-comparativos e dos

estudos dos neogramáticos, então surgem os estudos do estruturalismo (na Europa e nos Estados Unidos). Ponto de partida de nossa disciplina.

CORRENTES LINGÜÍSTICAS ESTRUTURALISMO

“Costumamos reunir sob o nome de estruturalismo um conjunto de diferentes elaborações teóricas que compartilham uma concepção imanentista da linguagem verbal (isto é, a linguagem assumida como um objeto autônomo, definido por relações puramente lingüísticas, internas), concepção essa cujas coordenadas básicas encontram suas origens próximas no trabalho de Saussure, no início do século XX” (Faraco, 1991, p. 98).

ESTRUTURALISMO NA EUROPA

Geralmente, seu nascimento é identificado com a publicação do *Cours de linguistique générale* de Saussure em 1916. Os estruturalistas procuram por em prática a fórmula que encerra o Cour: “a Lingüística tem por objeto a língua considerada em si mesma, e por si mesma” (como ressaltai na introdução da aula); por isso, não medem esforços por explicar a língua por ela própria, assumindo uma visão imanentista. Os lingüistas se limitam ao estudo do corpus (enunciados realizados), com o objetivo de definir sua estrutura.

Coube ao estruturalismo estabelecer as bases teóricas da lingüística, a partir do momento que se preocupou em descrever o funcionamento da linguagem. E essa descrição foi feita através das distinções por Saussure introduzidas: sincronia/diacronia; língua/fala; relações sintagmáticas/relações paradigmáticas.

ESTRUTURALISMO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

O primeiro ponto a considerar em relação ao estruturalismo americano é que tem origem independente do europeu. A análise das línguas indígenas foi o ponto forte no estruturalismo norte-americano, por isso, suas teorias e métodos surgiram de um trabalho efetuado sobre um material puramente oral, os lingüistas registravam a fala e depois a analisavam. Pesquisadores, como Sapir e Whorf, partiram da estrutura das línguas indígenas e estudaram a relação entre língua e pensamento, entre formas lingüísticas e instituições sociais e representações religiosas. Outro objetivo atendido pelo estruturalismo americano foi desenvolver métodos de aprender línguas estrangeiras em forma coloquial.

O Estruturalismo americano apresenta as correntes mecanicista (Bloomfield) e mentalista (Sapir, Chomsky). A corrente mecanicista apóia-se na psicologia behaviorista (Skinner). Assim, um ato de fala é visto como um tipo particular de comportamento. Na Lingüística, o behaviorismo reduz a comunicação ao conhecido esquema: E – R (estímulo – respostas)

Sapir e Chomsky orientam-se por uma tendência mentalista. Enquanto o mecanicismo trabalha com um método formal na análise lingüística, o mentalismo “procura tratar os dados da língua à luz da doutrina psicológica. A fala é assim vista como um produto do pensamento, da vontade, da reflexão, do sentimento” (Ramanzine, 1990, p. 59). O mentalismo influenciou as teorias sobre aquisição da linguagem.

GERATIVISMO



Noam Chomsky
(Fonte: <http://www.usefulwork.com>).

O norte-americano Noam Chomsky trouxe para os estudos lingüísticos um novo paradigma. Seus estudos direcionaram-se para o desenvolvimento de uma gramática gerativa. Segundo essa gramática, a linguagem é considerada como um conjunto de sentenças, construída a partir de um conjunto finito de regras. De acordo com Peter (2004, p 14), essa perspectiva “abrange muito mais do que as línguas naturais mas, conforme seu autor (Chomsky) todas as línguas naturais são, seja na forma falada, seja na escrita, linguagens, no sentido de sua definição visto que:

- “toda língua natural possui um número finito de sons (e um número finito de sinais gráficos que os representam, se for escrita);
- mesmo que as sentenças distintas da língua sejam em número infinito, cada sentença só pode ser representada como uma seqüência finita desses sons (ou letras) “ (Peter , 2004, p. 15).

É da alçada do lingüista determinar quais dessas seqüências finitas de elementos podem ser consideradas sentenças ou não. “A análise das línguas naturais deve permitir determinar as propriedades estruturais que distinguem a língua natural de outras linguagens” (Peter , 2004, p. 15). Essas propriedades são tão abstratas, complexas e específicas, segundo a visão chomskiana, que as crianças não as poderiam aprender do nada em sua fase de aquisição da linguagem. Desse modo, para o pai da gramática gerativa, a linguagem é uma capacidade inata do ser humano e específica de sua espécie, ou seja, é transmitida geneticamente. Assim sendo, a linguagem teria propriedades universais.

SOCIOLINGÜÍSTICA

Na década de 60, surge a Sociolingüística, disciplina que abrange a estrutura e o uso da linguagem que dizem respeito às funções sociais e cul-

turais e tem como objetivos identificar alguns fatores sociais envolvidos na escolha que os usuários fazem da linguagem e mostrar como cada escolha se manifesta em termos de linguagem, dialeto, variedade, estilo, variante, etc. Em relação a seu objeto, podemos afirmar que a Sociolingüística ocupa-se em descrever os problemas conseqüentes da interação lingüística dentro dos grupos.

Com a sociolingüística, o estudo da variação lingüística é ampliado, uma vez que se acrescenta a dimensão social, como fator de diferenciação lingüística, à dimensão geográfica já trabalhada com a dialetologia.

O iniciador desse modelo teórico–metodológico foi o americano William Labov, que ao reagir à ausência do componente social no modelo gerativo (Chomsky), apresenta um modelo de análise que interage língua e sociedade.

GÊNEROS TEXTUAIS

Bakhtin dá início a seu estudo sobre os gêneros de discurso ressaltando que todas as atividades humanas estão relacionadas à utilização da língua e que, portanto, não é de admirar que tenhamos tanta diversidade nesse uso e uma conseqüente variedade de gêneros que se afiguram incalculáveis. Também observa que toda essa atividade se concretiza “[...] em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Marcuschi aponta o gênero como resultado do trabalho coletivo, o que contribui para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas diárias. Por isso, são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em situação comunicativa qualquer. Os gêneros apresentam-se sobremaneira maleáveis, dinâmicos e plásticos. Sua plasticidade se evidencia, já, em sua própria determinação, pelo predomínio da função sobre a forma. Também comprova que os gêneros textuais surgem, se situam e se integram, funcionalmente, nas culturas em que ocorrem (MARCUSCHI, 2002c).

Quanto às características do gênero apontadas pelo autor, destacam-se: entre as mais relevantes, as comunicativas, as cognitivas e as institucionais; entre as menos relevantes, as peculiaridades lingüísticas e estruturais. Já entre os critérios gerais para identificar os gêneros, a ação prática, a circu-



Literatura de cordel (Fonte: <http://publicidade20071.files.wordpress.com>).

lação histórico-social, a funcionalidade, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

Sustentando-se em posição de Marcuschi (2001a, 2002b, 2002c e 2003a), é relevante, em relação aos gêneros, a seguinte topicalização:

- a) são tipos “relativamente estáveis” de enunciados;
- b) operam em certos contextos;
- c) são reflexos de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura;
- d) são definidos por seus propósitos, funções, intenções, interesses;
- e) são condicionados pelos fatores semióticos, sistêmicos, comunicativos e cognitivos;
- f) são variáveis em contextos discursivos;
- f) estão ancorados em alguma situação concreta;
- h) estabelecem relações de poder;
- i) refletem estruturas de autoridade;
- j) são frutos de complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem.

ANÁLISE DO DISCURSO

Você acompanhou um pouco da contribuição da Análise do Discurso. A proposta de um novo objeto chamado discurso surgiu com Michel Pêcheux, em sua tese *Análise Automática do Discurso*. A concepção de ideologia abraçada pela AD será a proposta por Karl Marx (1818-1883). Concepção que vem se coadunar com Bakhtin (2004), quando afirma que toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica. Com esse mesmo pensamento, Michel Pêcheux afirma que o sentido das palavras não pertence à própria palavra, não é dado diretamente em sua relação com seu sentido literal. Destacamos também as fases da AD. A primeira fase da AD (AD-1) é conhecida como máquina discursiva, pois os tipos de discursos analisados eram muito fechados. Para AD-2, a FD tem um espaço que vem a ser atravessado por outras FDs, aquela FD determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social. Ela será invadida por elementos que vêm de outro lugar, de outras FDs, não será mais fechada como em AD-1. Em AD-3, o sujeito é heterogêneo, com a sua voz estão muitas outras vozes de outros discursos que vieram antes do seu.

OS (DES)CAMINHOS DA LINGÜÍSTICA: O CONTRAPONTO ENTRE SAUSSURE X BAKHTIN

Reveja como alguns autores viram esse contraponto entre Saussure e Bakhtin.



Mãos fazendo corrente (Fonte: <http://www.figueiradigital.com>).

A língua em Saussure é sistemática, objetiva, homogênea, o que torna difícil sua relação tão estreita com um exterior que faz parte dela. Pois bem: o conceito de língua de Bakhtin confronta-se com o de Saussure, que é diretamente questionado por aquele autor por retirar da língua seu caráter ideológico, considerando o signo com valor imutável, imanente (Mendonça, 2001, p. 240).

Conforme Mendonça (2001), o conceito de língua, defendido por Bakhtin, também inclui a fala. Postura interessante, pois Saussure a exclui do âmbito da Lingüística, porque a considera o espaço do heterogêneo, do “individual”, logo um obstáculo à sistematização e ao fazer científica; enquanto a língua era o espaço de homogeneização, logo passível de se tornar objeto da ciência lingüística.

No estruturalismo, o sujeito da linguagem não era cogitado, já para Bakhtin, o sujeito existe na linguagem em seu diálogo com o Outro (dialogismo). Defende o autor soviético que tudo que é expresso por um falante não pertence só a ele, pois em todo discurso são identificadas vozes sociais que tecem o texto.

“de acordo com o autor [Bakhtin], na língua vista como objeto da lingüística, não há e não pode haver quaisquer relações dialógicas (dialogismo), pois elas são impossíveis entre os elementos da língua no texto e mesmo entre os elementos do ‘texto’ e os textos no seu enfoque ‘rigorosamente lingüístico’ (Rodrigues, 2005, p. 156).

MAIS OUTRO POSICIONAMENTO

“Bakhtin, um crítico da postura de Saussure, traz para o cenário dos estudos lingüísticos a noção de comunicação social. Afirmava o visionário que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal e atualizada através da enunciação ou das enunciações” (Pedrosa, 2002, p. 23).

Encerramos com as citações abaixo:

O ponto congruente entre Saussure e Bakhtin é que tanto para um quanto para o outro, a língua é essencialmente social. Aquele postula que a língua é um produto depositado na mente dos falantes e tem caráter coletivo, que ele chamou de *langue* (Freire, 2007, p. 1).

Considerando-se a língua homogênea, imutável sincronicamente (em dado momento do tempo), estática, logo, é de imaginar-se que não existam falantes da mesma. Atento a isso, o semiólogo Mikhail Bakhtin (...) concluiu que a posição saussuriana seria um objetivismo abstrato. Para Bakhtin, a língua também é um fenômeno social, porém seu enfoque está no processo, alegando que só há possibilidade de existir língua quando há diálogo e conseqüentemente, interação (Freire, 2007).

O CONTEXTO NACIONAL EM LINGÜÍSTICA

Você teve a oportunidade de conhecer alguns lingüistas brasileiros e seus posicionamentos em relação a essa ciência que você está estudando através de 6 perguntas distribuídas em, 3 aulas. Procuramos selecionar respostas bem diversificadas a fim de que você pudesse ter uma visão ampla e mesmo polêmica da Lingüística.

1. Que é Lingüística? -, respostas como a de Faraco que separa Lingüística no sentido amplo (o conjunto de atividades científicas que os lingüistas desenvolvem no contexto universitário) e restrito (que abrange as teorias fonológicas, sintáticas, semânticas e semântico-pragmáticas); já Marcuschi responde que a Lingüística envolve a investigação das formas, dos usos e das atividades lingüísticas. Já para a pergunta
2. A Lingüística é uma ciência? -, respostas como a de Gomes de Matos que enfatizava que a Lingüística é uma ciência; como também respostas como a de Possenti que defendeu só alguns domínios da Lingüística como científicos.
3. O que é língua? Fiorin, respondendo à pergunta, afirma que a linguagem humana é a condensação de todas as experiências históricas de uma dada comunidade. Você percebeu que ele destaca o caráter social e histórico da

língua, afastando-se, assim, daquela visão de língua herdada de Saussure.

4. É qual a relação entre língua, linguagem e sociedade?

O posicionamento de Gomes de Matos é de que se aceitamos a sociedade como um “sistema de organização humana, compartilhado por uma comunidade”, então é certo afirmar que há uma relação entre os três elementos: linguagem, língua e sociedade. Segundo o lingüista, essa relação possibilita aos usuários de línguas manifestarem ou realizarem sua identidade.

5. A lingüística teria algum compromisso com a Educação?



Grafite (Fonte: <http://www.brasilecola.com>).

De um modo geral, os lingüistas entrevistados acreditam que há um compromisso dessa ciência com a Educação seja de forma mais efetiva, ou de forma indireta, a depender do tipo de Lingüística que cada um desenvolve, dando-se destaque para um compromisso bem forte da Lingüística de Texto e Lingüística Aplicada.

6. Quais os desafios para a Lingüística no século XXI?

Quanto aos desafios de nossa ciência para o presente século, poderíamos citar, entre outros: contribuir para o desenvolvimento da inteligência artificial; ajudar a resolver problemas patológicos relacionados com a linguagem; contribuir para uma Lingüística da paz; redefinição do seu objeto.

CONCLUSÃO

Para despertar sua curiosidade e não largar mais a Linguística, vamos chamar sua atenção para a contribuição desta ciência para o ensino de língua materna. Contribuição para você como futuro profissional desta área.

VEJA ALGUNS TÍTULOS DE LIVROS NA ÁREA!

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas: Pontes, 1993.

MOITA LOPES, L. P. da. Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino / aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PASSEGI, L. Abordagens em Linguística Aplicada. Natal: EDUFRN, 1998.

PASCHOAL, M. S. Z, CELANI, M. A. A. (orgs.) Linguística Aplicada: da aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992.

PRADO, C.; CUNHA, J. C. (orgs.). Língua materna e língua estrangeira na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. VEZ, J. M. Fundamentos lingüísticos en la enseñanza de lenguas extranjeras. Barcelona, Ariel: 2000.

E mais, identifique os autores que você já “conhece”:



INTERTEXTUALIDADE DIA-
LOGOS POSSIVEIS
INGEDORE VILLACA KOCH
Edição: 2007



USOS DA LINGUAGEM PROBLEMAS E TECNICAS
NA PRODUCAO ORAL E ESCRITA
Editora: LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA
LTDA
Edição: 2007



FONETICA FONOLOGIA E ORTOGRAFIA (C. PORTUGUES NA PRATICA)
CLAUDIO CEZAR HENRIQUES
Editora: ELSEVIER EDITORA LTDA
Edição: 2007



INTRODUCAO AO PENSAMENTO DE BAKHTIN
Editora: EDITORA ATICA LTDA
Edição



ENSINO DA GRAMATICA OPRESSAO? LIBERDADE?
EVANILDO BECHARA
Editora: EDITORA ATICA LTDA
Edição: 2007



ENSINO DE GRAMATICA DESCRICAO E USO
SILVIA FIGUEIREDO BRANDAO
Editora: CONTEXTO
Edição: 2007



APRENDIZADO DA LEITURA, O (C. TEXTO E LINGUAGEM)
MARY A. KATO
Editora: LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA
Edição: 2007



AQUISICAO DA LINGUAGEM UMA
ABORDAGEM PSICOLINGUISTICA
ALESSANDRA DEL RE
Editora: CONTEXTO
Edição: 2006



DA FALA PARA A ESCRITA ATIVIDADES DE
RETEXTUALIZACAO
LUIZ ANTÔNIO MARCUSHI
Edição: 2005



ELEMENTOS DE ANALISE DO DIS-
CURSO
JOSE LUIZ FIORIN
Editora: CONTEXTO
Edição: 2005



ESCRITA E ALFABETIZACAO
CARLOS ALBERTO FARACO
Editora: CONTEXTO
Edição: 2005



EXPRESSAO DO TEMPO EM POR-
TUGUES, A
RODOLFO ILARI
Editora: CONTEXTO
Edição: 2005

Para conhecer mais, visite (<http://www.siciliano.com.br>).

RESUMO

Na aula de hoje, você voltou no túnel do tempo quando começamos nosso curso de Lingüística e acompanhou desde seus primeiros contatos com a Lingüística até o último (neste semestre). Acompanhamos que a Lingüística, estudo científico da linguagem humana, assumiu, em pouco tempo, um lugar de destaque no conjunto das ciências que estudamos. Isso aconteceu graças ao grau de cientificidade alcançado quando ela se transformou em modelo de várias áreas do saber sistematizado. O túnel do tempo nos levou aos estudos lingüísticos na Grécia, Roma e descobrimos que o modelo gramatical normativo, como conhecemos hoje, tem herança desses dois países,(ou império) por isso, chama-se greco-romano. Durante o período da Idade Média, recebemos a informação de o clero irlandês desempenhou papel importante na alfabetização. Foi na época do Renascimento que a primeira gramática da Língua Portuguesa surgiu, em 1536, de autoria de Fernão de Oliveira. Em 1595, o padre José de Anchieta, dedicado aos estudos das línguas indígenas, publica a Arte da Gramática da língua mais Usada na Costa do Brasil. E A partir da descoberta do sânscrito, há uma mudança de paradigmas nos estudos da linguagem surge a Gramática Comparada que tem como objetivo apresentar a classificação das línguas por troncos e família a fim de proceder a reconstrução do estado ideal da língua. Ressalte-se que a identificação desse estado ideal, na verdade, era hipotética, depois aos estudos comparativos se acrescentou o aspecto histórico, surgindo os estudos históricos-comparativos. Acompanhamos as propostas dos neogramáticos, do estruturalismo (na Europa e nos Estados Unidos), do gerativismo. E como aspectos mais atuais de nossa disciplina, pintamos um quadro resumido da Sociolingüística, dos Gêneros textuais e da Análise do Discurso. E quase no final da aula, revisamos o contraponto entre Saussure X Bakhtin. E já no final da proposta desta aula, revisitamos o contexto nacional.

**ATIVIDADES**

1. Faça seu próprio esquema desta aula, resumindo ainda mais os tópicos que lhe apresentamos.

Próximo semestre, vocês, “Futuros linguistas”, terão mais disciplinas nesta área.

Para alegria de todos, as próximas disciplinas serão mais práticas. Aguardem! Quem sabe nos encontraremos ainda.

Saudades!! Profª Cleide Faye.

